

DILEMAS SOBRE O SURGIMENTO DA HISTORIOGRAFIA LATINA: MOMIGLIANO E O ESTUDO DE FÁBIO PICTOR

Juliana Bastos Marques
juliana.marques@unirio.br

UNIRIO

Resumo: Partindo de uma leitura crítica da análise de Arnaldo Momigliano sobre a influência de Fábio Pictor no desenvolvimento da historiografia ocidental, pretendo discutir os principais pontos de debate sobre o autor romano, como a influência da historiografia grega *versus* as fontes pré-historiográficas da Roma republicana, a questão da propaganda como motor da obra, a adequação do termo “analista” e o problema da atribuição dos fragmentos. O texto propõe que a leitura de Momigliano concentrada na importância da história nacional pode ser revista no atual contexto do início do século XXI, considerando-se como ponto-chave a integração do Mediterrâneo no período helenístico e da Segunda Guerra Púnica, comumente abordados de formas separadas no estudo da História Antiga. Assim, esse contexto é em última instância análogo ao contemporâneo, em que a historiografia parte de modelos consolidados mas é produzida em espaços novos e distintos, que também clamam legitimidade.

Palavras-chave: Historiografia antiga; historiografia romana; história nacional; Fábio Pictor; Arnaldo Momigliano.

Abstract: The paper introduces a critical reading of the analysis of Arnaldo Momigliano on the influence of Fabius Pictor in the development of Western historiography. I intend to discuss the main points of debate about the Roman author, such as the influence of Greek historiography versus pre-historiographical sources of republican Rome, the question of propaganda as the purpose of the work, the adequacy of the term "analyst" and the problem of allocation of fragments. The text proposes that Momigliano's reading, concentrating on the importance of national history, can be reassessed in the context of the XXIst century, considering the key points of Mediterranean integration in the Hellenistic period and the Second Punic War, periods commonly addressed in separate ways in the study of Ancient History. Thus, this context is ultimately similar to ours, in which historiography uses recognized models but is produced in new and distinct spaces, which also claim legitimacy.

Keywords: Ancient historiography; Roman historiography; national history; Fabius Pictor; Arnaldo Momigliano

Os estudiosos da historiografia antiga têm diante de si um quebra-cabeças altamente incompleto, em que as peças são cópias de cópias do texto original, com nomes soltos, referências que muitas vezes mal se conectam e frases que, em se tratando dos chamados “fragmentos” dos historiadores antigos, não se tem como saber com total

certeza de que autor realmente vieram. Mesmo assim – aliás, por isso mesmo – o surgimento da historiografia é um tema que provoca grande discussão e inferências as mais criativas, suscitando interpretações diversas e muitas vezes contraditórias entre si.

Apesar das dificuldades, no entanto, o assunto não deixa até hoje de evocar interesse – até porque, assim como os próprios antigos, nós continuamente nos deixamos fascinar pelas nossas nebulosas origens. Neste artigo a discussão se restringirá ao primeiro historiador romano, Fábio Pictor, que viveu entre os séculos III e II a.C., mas a reflexão também é importante para estudar Hecateu e os primeiros historiadores gregos. A pergunta que mais se repete nos estudos sobre o tema, convenhamos, é de um anacronismo atroz: o que significa a posição dos pioneiros da historiografia perante a tradição que se formou? No nosso caso específico, torna-se: qual é o significado do lugar que Fábio Pictor assume na historiografia em Roma? Apesar do anacronismo, estender o alcance da pergunta é em última instância seu maior sentido, pois da historiografia herdada pelos romanos temos nada menos que o estabelecimento da forma e do método da historiografia ocidental.

É esse o principal tema que Arnaldo Momigliano se propôs a estudar ao longo de toda a sua vida acadêmica, juntamente com o interesse eminentemente autobiográfico de pesquisar as raízes judaicas da historiografia no Ocidente. A proposta aqui presente parte das reflexões de Momigliano sobre Fábio Pictor publicadas em suas *Sather lectures* (MOMIGLIANO, 1990), as palestras que proferiu na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1962.¹ Pretendo refletir sobre a natureza e as consequências da sua pergunta principal, ou seja, “a situação na qual os romanos criaram sua própria história nacional e conseqüentemente contribuíram para a formação da história nacional medieval e moderna” (MOMIGLIANO, *ibid.*, p. 87), e também me debruçar um pouco sobre os problemas inerentes à interpretação dos fragmentos remanescentes de Fábio Pictor.

Momigliano foi um homem com a alma do século XX², um italiano judeu refugiado em Oxford – depois, por um curto período, nos EUA –, preocupado com o sentido de pensar a História Antiga, e em especial sua escrita, como a origem de seu mundo.

¹ O livro que compilou essas palestras, *The Classical Foundations of Modern Historiography* (em português, *As Fundações Clássicas da Historiografia Moderna*. Bauru: EDUSC, 2002), contém em sua edição atual as revisões feitas pelo autor em 1975 e 1978, com alterações significativas nos capítulos sobre Fábio Pictor e sobre o tacitismo. Suas palestras são consideradas o resumo do seu pensamento durante a metade de sua carreira. Para o percurso intelectual de Momigliano, ver Murray, 1991.

² Até mesmo no sentido de não aceitar o pós-modernismo – ver MARQUES, 2013.

Erudito como poucos, leu e estudou autores do Renascimento ao século XIX bem antes que se cunhasse o termo “recepção” para esses estudos. Abriu o mundo anglófono aos estudos italianos e alemães sobre historiografia antiga, em uma ênfase sobre teoria que não era antes característica dos corredores de Oxford (MURRAY, 1991). Porém, nunca chegou a se afiliar a uma escola intelectual, permanecendo sempre autônomo e criativo em suas pesquisas. Como relembra Karl Christ:

Diferentemente de muitos historiadores de hoje, Momigliano não procedeu de acordo com dogmas absolutos de um novo programa, método ou perspectiva de pesquisa histórica. Ao invés disso, sua obra acadêmica se desenvolveu de forma orgânica a partir da conexão entre iniciativas pessoais e forças existenciais (CHRIST, 1991, p. 5).

Momigliano introduz a importância de se refletir sobre a posição de Fábio Pictor na historiografia, fazendo uma recapitulação a partir do surgimento das histórias nacionais durante o período renascentista. De fato, não são exatamente “nacionais” com o atual sentido de país as histórias de Leonardo Bruni, Marcantonio Sabellico e tantos outros que escreveram relatos da fundação e do desenvolvimento das cidades-estados italianas nos séculos XV e XVI, mas o modelo logo se expandiu para historiadores dos países europeus em formação. Na verdade, como salienta nosso autor, a genealogia é bastante complexa, e deriva de ramos de antepassados relativamente distintos: se por um lado a historiografia latina, culminando em especial na figura de Tito Lívio, tem sua origem em Fábio Pictor, há nos renascentistas também grande influência dos historiadores “nacionais” do início do período medieval, como Gregório de Tours, Isidoro de Sevilha e Beda, e, compartilhada com estes últimos, a influência sempre subjacente, embora já diminuída, da Bíblia cristã.

É importante salientar para essa influência a representatividade não de Fábio Pictor, mas de Tito Lívio e mesmo do livro VI de Políbio como pilares desse desenvolvimento renascentista. Em tal sentido, a historiografia do principado interessaria menos³, já que o modelo político no qual se inspiram as cidades-estados italianas é o da República romana. Muitas das obras dos historiadores renascentistas são cópias ou comentários de Tito Lívio e Políbio com a adição de trechos contemporâneos. No caso de Bruni, seu método de trabalho é apresentado como uma tradução dos antigos, procurando embelezar o texto com recursos retóricos e estilísticos para

³ A leitura renascentista de Tácito é focada na relação dos governados com o governo despótico, ou, mais tarde, como um “espelho de príncipe” para os monarcas. Ver Schellhase, Kenneth C. *Tacitus in Renaissance Political Thought*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1976.

glorificar Florença, tal como os próprios antigos o faziam (IANZITI, 1998). A obra de Maquiavel, *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*, de 1517, embora dentro de um contexto de conflito, diferente do de Bruni (BREISACH, 1994, pp. 153-159), é outro exemplo claro dessa influência direta. Momigliano não cita, mas também é interessante lembrar como esse mesmo modelo político republicano continua sendo fonte para as histórias conjecturais dos séculos XVII e XVIII e para as interpretações dos mundos asteca e inca feitas pelos eruditos europeus na mesma época. Essas obras tinham como base comparações diretas com a República romana, visto como o modelo mais adequado de organização política urbana capaz de levar à complexidade encontrada nas Américas (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011).

A proeminência da historiografia romana republicana no desenvolvimento da historiografia ocidental a partir da Renascença também se dá por ter aquela um foco específico na cidade de Roma e nas maneiras com que a *urbs* se relaciona com seu exterior, possibilitando analogias com as cidades-estados italianas. Essa unidade territorial, bem se sabe, não é característica nem da história misturada com etnografia de Heródoto, nem da história contemporânea de Tucídides, ou muito menos da história universal desenvolvida no período helenístico.⁴ Políbio é uma exceção nessa menor influência dos historiadores gregos, mas por sua presença como fonte direta de Tito Lívio. Entretanto, há mais pontes: conhecemos vários nomes – e quase só isso – de historiadores gregos que escreveram horografias, uma categoria historiográfica definida por Felix Jacoby⁵ como histórias das origens e do desenvolvimento das cidades. Tanto Jacoby quanto Fornara (1988, p. 38) destacam a importância para os incipientes autores do Lácio dos historiadores das cidades-estados da Sicília, que escreveram as chamadas *sikelika* sobre a fundação dessas colônias gregas, bem como do íntimo contato intelectual nos séculos IV a II com a Magna Grécia e a Etrúria, talvez também fonte de horógrafos no modelo grego (MOMIGLIANO, 1990, p. 99; CHASSIGNET, 2003, p. XLVI). O problema que não permite estabelecer qualquer influência direta da horografia grega

⁴ “(...) os eruditos renascentistas não mais percebiam o que era óbvio para os leitores antigos, ou seja, que nem Tucídides nem Xenofonte, ou mesmo os escritores das *Hellenica*, eram historiadores da Grécia. Eles eram, e assim seriam considerados, escritores de histórias contemporâneas ou quase contemporâneas (...)” (MOMIGLIANO, 1990, p. 86)

⁵ JACOBY, Felix. Über die Entwicklung der griechischen Historiographie und den Plan einer neuen Sammlung der griechischen Historikerfragmente. *Klio-Beiträge zur Alten Geschichte*, v. 9, n. 9, p. 80-123, 1909, comentado em Marincola, 1999. Jacoby aponta a origem da horografia no século V a.C., portanto depois de Heródoto, *contra* Dionísio de Halicarnasso, *De Thuc.* 5 (FORNARA, 1988, pp. 16-23; MARINCOLA, 1999, pp. 287-288).

para os modelos historiográficos do Renascimento é que, pelo precário estado dos fragmentos⁶, seu papel só pode ser avaliado como modelo para o estabelecimento da historiografia em Roma.

Assim, a herança renascentista de Tito Lívio faria parte de uma longa cadeia de tradição, referências e métodos ligada, em última instância, ao início da escrita da história em Roma, e não exatamente na historiografia de Heródoto ou Tucídides. Daí a pergunta de Momigliano que nos reintroduz Fábio Pictor: em que medida ele foi iniciador de um modelo de escrita e abordagem da história que veio a se tornar a história nacional? Sua posição é vista por Momigliano como uma quebra muito significativa – para ele, com Fábio Pictor, a cultura romana “de repente pulou de um estágio de escrita analítica crua em latim para uma escrita histórica bem realizada, primeiro curiosamente em grego, e só então em latim.”(MOMIGLIANO, 1990, p. 81) O termo principal da frase é, sem dúvida, “de repente”: a escrita da história aparece como uma iniciativa eminentemente individual cuja particular motivação, a qual se deve perscrutar, é a chave para uma mudança de paradigmas crucial na cultura romana.

Como é de praxe para os historiadores antigos, sabemos muito pouco sobre a vida de Fábio Pictor. Alguns de seus próprios fragmentos, ou também citações, podem indicar que havia elementos autobiográficos na sua história de Roma, já que, como veremos a seguir, boa parte de seu texto parece ter se referido à sua época contemporânea. Sabemos que ele lutou na guerra contra os gauleses em 225 a.C.⁷ e Tito Lívio narra sua visita a Delfos em 216 a.C., enviado pelo senado para consultar o oráculo após a derrota de Canas, durante a Segunda Guerra Púnica.⁸ Também Plínio, o Velho⁹ cita um comando de Fábio Pictor em guerra na Ligúria, o que pode ter ocorrido em qualquer uma das campanhas entre 238 e 233 a. C. – são essas três as únicas referências das fontes antigas sobre fatos da biografia do historiador. Fazendo as contas da carreira padrão da aristocracia republicana, chegamos a uma data de nascimento próxima a 270 a.C.; já sobre a data de sua morte não há indícios – a última referência a ele é a embaixada a Delfos. Políbio¹⁰ afirma de passagem que ele foi senador, mas não sabemos

⁶ Os fragmentos dos historiadores gregos foram compilados de maneira completa e sistemática apenas a partir do século XIX, diferentemente dos latinos, para os quais já surgem edições no século XVI. Para uma lista das edições mais importantes, ver Chassignet, 2003, pp. XCI-XCIII.

⁷ Eutrópio III, 5; Orósio IV, 13, 6; Plínio, *História Natural*, X, 71.

⁸ Tito Lívio XXII, 57, 5; XXIII, 11, 1-6.

⁹ *História Natural*, X, 71.

¹⁰ III, 9, 4.

se ou quais magistraturas exerceu, ou se foi membro de algum colégio pontifical – o que seria importante para sabermos como ele teve acesso (ou não) aos Anais Pontifíciais para escrever sua obra.

No entanto, seu próprio nome nos dá pistas sobre sua posição: a *gens* dos Fábios era uma das mais antigas de Roma, constando registros de sua existência desde o período da monarquia. Essa distinção, em uma sociedade que valorizava profundamente suas figuras familiares ancestrais, é um bom indicativo do provável prestígio de Fábio Pictor em seu círculo. São diversos, por exemplo, os trechos em Tito Lívio sobre os Fábios, onde são relatadas peripécias cheias de bravura, *fides* e *pietas* da família no início da República. Talvez o mais paradigmático seja o episódio dos 306 Fábios que lutaram sozinhos e morreram contra os veientes na batalha de Cremera, em 477 a.C.¹¹ – um episódio provavelmente moldado na tradição para servir de paralelo romano à bravura dos 300 espartanos nas Termópilas.¹² O trabalho da prosopografia permite detectar algo da árvore genealógica ao redor de Fábio Pictor, mostrando que foi sobrinho de Quinto Fábio Máximo Cunctator, sobrinho-neto de Fábio Máximo Ruliano e bisneto de Marco Fábio Ambusto, todos personagens fundamentais da política romana republicana (FRIER, 1979). O apelido Pictor, “pintor”, vem de seu ancestral Caio Fábio, que pintou as paredes do tempo de Salus em 304 a.C.¹³ – uma informação curiosa e paradoxal, considerando a baixa posição social dessa atividade, mas sobre a qual nada mais podemos deduzir.

Ao nos debruçarmos sobre a obra de Fábio Pictor, a questão que mais se destaca é sem dúvida o aparente paradoxo do autor ter escrito sua história de Roma em grego, apesar de ser um eminente patrício romano. Momigliano apresenta essa questão colocando-a no contexto da helenização da elite romana na época das Guerras Púnicas, mas ressalta algumas possíveis contradições que colocariam em questão uma adoção irrestrita de parâmetros culturais gregos quando trata, por exemplo, do sacrifício de dois gregos e dois gauleses estabelecido pelos Livros Sibílicos em 228 e 216 a.C.: “Bem que podemos considerar os romanos um tanto inconsistentes se, no mesmo ano de 216 em que mataram um par de gregos, eles enviaram Fábio para Delfos para pedir a ajuda de um oráculo grego.” (MOMIGLIANO, 1990, p. 89) Porém, ao citar brevemente a busca

¹¹ II, 48, 8-50, 11. Ver também Dionísio de Halicarnasso, IX, 15.2-7, 18.5-22.6; Ovídio, *Fastos*, II, 193-242.

¹² Eventos aproximadamente contemporâneos; ver Richard, 1988; Feeney, 2009; Dillery, 2009, p. 88, n. 44.

¹³ Cícero, *Tusculanas*, I, 4; Valério Máximo VIII, 14.6.

dos próprios romanos por conexões com o passado grego através da ascendência troiana, ele nos aponta o caminho contrário a esse aparente paradoxo, já que na verdade o mundo romano não estava culturalmente isolado nem desde seus primórdios. O reconhecimento da importância do oráculo de Delfos, por exemplo, dava-se em todo o mundo mediterrânico antigo, notadamente devido à fluidez da religião no mundo politeísta. Sacrificar dois gregos ao mesmo tempo em que se cultua Apolo ou se escreve história em grego não pode ser considerado algo contraditório se não pensamos mais o mundo antigo como análogo à nossa divisão entre fronteiras nacionais, que se quer concomitante a uma divisão cultural ou mesmo étnica. Encontra-se em todos os relatos de origem no mundo antigo, mesmo das origens dos bárbaros, uma premência de leitura do outro como parte de si, no sentido em que o estranho busca ser compreendido, explicado e apropriado. Nesse sentido, definir-se não necessariamente significa excluir outrem.¹⁴

Mas o ponto principal dessa observação não é criticar Momigliano, e sim apontar para diferenças de percepção e foco entre os contextos da metade do século XX e do início do século XXI. Subjacente à discussão a seguir dos principais tópicos de estudo relacionados a Fábio Pictor está a ideia defendida por este texto de que a saída atual para continuar a debater esses mesmos tópicos, além das ferramentas tradicionais da *Quellenforschung* e da crítica filológica usadas desde o século XIX, é pensar a obra e os objetivos de Fábio Pictor como um exemplo da integração de Roma ao Mediterrâneo e em especial à cultura helenística, que é por excelência cosmopolita e transterritorial.

Apesar de ser muito repetida a informação de que Fábio Pictor teria escrito sua história, e a primeira entre os romanos, originalmente em grego, o fato é que não se pode determinar de maneira segura qual seria a língua usada pelo autor em seu texto apenas pelos fragmentos coletados de outros autores posteriores que o citam. Afinal, Dionísio de Halicarnasso cita Fábio Pictor em grego assim como Tito Lívio o cita em latim, e assim por diante. São apenas duas referências externas que afirmam que o original de Fábio Pictor estava em grego, a primeira sendo Cícero (“... e a esses também

¹⁴ Exemplos dessa ideia abundam nas fontes antigas. Mesmo os estranhos egípcios de Heródoto, que faziam tudo invertido em relação aos gregos, têm no mesmo texto diversos elos com as origens gregas. Os povos mais afastados e desconhecidos podem ser explicados racionalmente, como no tratado hipocrático *Águas, ares e lugares*. Entre os romanos, também se explica o diferente por associação, como os judeus vindos de Creta ou prestando culto a Saturno, em Tácito, *Histórias*, V, 2. Os temas da etnografia e das identidades, bem como da interpretação religiosa, são vastos e discutidos o suficiente para merecer seu próprio lugar além deste texto.

deve ser adicionado o sonho de Enéas, que, ... nos anais gregos de <nosso> Fábio Pictor, é tal que...”)¹⁵ e a segunda, Dionísio de Halicarnasso (TIMPE, 1972, pp. 932-933):

Histórias tais como as desses homens [Antígono, Políbio, Sileno e outros], na verdade não tão diferentes, foram publicadas também por aqueles romanos que relataram os fatos mais remotos da cidade na língua grega. Desses os primeiros foram Quinto Fábio Pictor e Lúcio Cíncio [Alimento], ambos os quais viveram na época das Guerras Púnicas. Esses homens forneceram relatos detalhados dos eventos nos quais eles mesmos estavam presentes, por causa da experiência pessoal, mas passaram rapidamente pelos eventos antigos que ocorreram após a fundação da cidade (I, 6, 2 – Cornell T12, vide apêndice).

Uma inscrição pintada (*dipinto*) encontrada na parede do que possivelmente seria a biblioteca de um *gymnasium* em Taormina, na Sicília, datada de aproximadamente 130 a.C., refere-se a uma cópia de Fábio Pictor disponível no local – pela lógica, seria um texto em grego (DILLERY, 2009; CORNELL 2013, p. 162 n. 8; p. 163, n. 14).¹⁶ Por sinal, essa também é uma evidência importante de um papel proeminente de Fábio Pictor entre os historiadores gregos do período, já que é citado nesse *dipinto* entre gregos como Calístenes, o historiador de Alexandre, e Filisto, o Siracusano, além do fato da inscrição pertencer a uma biblioteca da cidade de Timeu, pioneiro na escrita das histórias universais helenísticas.

Infelizmente, outras fontes, incluindo o próprio Cícero sobre a questão estilística, complicam a questão, citando uma história de Roma escrita por Fábio Pictor em latim, ou citando o texto de Fábio em um contexto apenas possível através da consulta de outro texto já em latim.¹⁷ O problema leva a algumas saídas conjecturais bastante discutidas entre os especialistas, mas sem quaisquer certezas: Fábio Pictor poderia ter traduzido seu próprio texto para o latim em algum momento, ou algum outro tradutor o teria feito logo em seguida. Possibilidades ainda mais remotas seriam outra obra de Fábio Pictor distinta da escrita em grego ou até mesmo a existência de outro Fábio Pictor escrevendo só em latim (CORNELL, 1986, p. 81). Para complicar a questão, outros autores antigos citam o texto de um certo “Fábio” ou “Quinto Fábio” sem explicitar se seria realmente o nosso Fábio Pictor. Outras possibilidades de historiadores romanos conhecidos com esse mesmo nome seriam Quinto Fábio Máximo Serviliano, também citado por Dionísio de Halicarnasso, Fábio Rústico, citado por Tácito, ou mesmo algum

¹⁵ *De divinatione*, I, 43 (Cornell T10, vide apêndice). Jenkins (2013) ressalta a importância do uso do termo *graecis* para caracterizar Fábio Pictor não para diferenciar seu texto de outra versão em latim – vide adiante –, mas para realçar o fato de que, mesmo escrevendo em grego, Fábio Pictor era um de “nossos escritores”.

¹⁶ Para o texto, Chassignet, 2003, p. 16 (F1, vide apêndice); Cornell, 2013, pp. 38-39 (T7, vide apêndice).

¹⁷ Cícero, *De oratore*, 2, 51053; *De legibus*, 1, 6; Fronto, 134; Quintiliano, *Instituições Oratórias*, 1.6.12; Sêrvio, *Comentário sobre a Eneida*, 8. 630-631; Aulo Gêlio, 5.4.1-3.

dos pouco conhecidos Marco Fábio, Fábio Galo e Fábio Vestal (BISPHAM, CORNELL 2013, vol. 1, p. 164). Como então estabelecer quais seriam os fragmentos disponíveis do texto original de Fábio Pictor?

As primeiras edições de fragmentos dos historiadores romanos surgiram no século XVI, mas foi apenas na virada do século XIX para o século XX que foi compilada uma edição completa, com notas, comentários e aparato crítico.¹⁸ Esse trabalho de Hermann Peter, o *Historicorum Romanorum Reliquiae*, contém cerca de passagens de 120 historiadores antigos, mas é hoje considerado antiquado em termos de método de crítica filológica, especialmente depois do padrão estabelecido por Felix Jacoby, ainda que para os autores gregos, já em 1909. Só bem recentemente surgiram novas edições desses fragmentos, com traduções em francês (CHASSIGNET, 2003¹⁹), alemão (BECK; WALTER, 2001-4) e inglês (CORNELL, 2013) – Peter usa apenas os originais em latim e grego. Porém, as edições em francês e em alemão fazem uma seleção restrita de autores, 25 e 19 respectivamente; a edição em inglês é a única a compilar os *testimonia*²⁰ e incluir um número de autores próximo ao de Peter.

A conduta de praxe entre essas compilações é citar os trechos dos autores conhecidos que mencionam algum fato ou observação atribuído a Fábio Pictor – seja em ordem cronológica dos fatos narrados ou dos autores, ainda que de forma aproximada. Mas é muito difícil precisar exatamente que parte do texto seria uma cópia exata ou inexata (por motivos deliberados ou não), um resumo ou uma paráfrase. P. A. Brunt resume o problema, ao tratar dos fragmentos dos historiadores gregos:

Citações são raras e difíceis de distinguir de paráfrases e sumários. Mesmo estes podem ecoar o texto original de perto. Mas as chamadas citações podem ser verbalmente incorretas. Preservando ou não algumas das palavras originais, as citações podem alterar o sentido original através de omissões, adições ou outras distorções, especialmente quando são feitas para propósitos polêmicos (1980, pp. 482-483).

Daí segue uma discussão que marca o ensaio de Momigliano e sua contínua guerra de argumentos com Andreas Alföldi (MOMIGLIANO, 2012, orig. 1965) sobre a

¹⁸ O volume 1 é de 1870, com uma edição revisada por Peter em 1914, e cobre os historiadores republicanos. Um segundo volume foi lançado em 1906, contendo os historiadores romanos até o século III. Uma edição reduzida com historiadores de ambos os períodos foi editada pela Teubner em 1883, com o nome de *Historicorum Romanorum Fragmenta*.

¹⁹ Chassignet, 2003 é a segunda tiragem do volume 1, de 1996. Os outros dois volumes são de 1999 e 2004.

²⁰ “A distinção entre um testemunho [*testimonium*] e um fragmento pode ser formulada da seguinte maneira: um texto que pretende citar ou parafrasear uma passagem em particular de um original perdido é um fragmento, enquanto que um texto que traz informações sobre o autor, ou sobre tudo ou parte de sua obra, mas sem referência a uma passagem específica, é um testemunho.” (Cornell, 2013, p. 13-14)

confiabilidade da narrativa de Fábio Pictor. Alföldi (1964) defendia que Fábio Pictor havia forjado o relato das origens de Roma, enquanto que Momigliano enxergava no historiador romano elementos da metodologia e da crítica mais próximos à imparcialidade rankeana (BRANTNER, s/d). A questão está no centro do tema levantado por Momigliano no ensaio do qual partimos, qual seja, dado que Fábio Pictor seria o primeiro elo da historiografia nacional ocidental, como e até que ponto ele foi um escritor original na forma e no conteúdo, ou em que medida ele apenas adaptou para o mundo romano uma série de relatos já existentes entre os historiadores gregos, complementando-os com fontes documentais locais.

Para compreender o debate entre Momigliano e Alföldi, vejamos primeiro quais seriam essas fontes gregas e romanas das quais Fábio Pictor teria partido. Por sorte, a se confiar no testemunho de Plutarco²¹, sabemos sobre um autor grego específico que Fábio Pictor usou como modelo, Díocles de Pepareto, para narrar uma versão da história de Rômulo e Remo e da fundação de Roma. Não se sabe muito mais sobre Díocles, mas sua obra parece ter sido uma das diversas histórias de fundações de cidades que foram produzidas no mundo helenístico (*ktísis*, TIMPE, 1972), o que também significa que as lendas sobre as origens de Roma já circulavam de alguma forma no mundo intelectual grego. Nesse sentido, juntando-se a inscrição de Taormina, as evidências são contrárias à afirmação de Dionísio de Halicarnasso de que poucos gregos conheciam a história dos primórdios de Roma²². Afinal, ela também pode ser compreendida, dado que faz parte do seu prefácio, como um elemento retórico justificando a escrita de sua obra, um recurso bastante comum entre os historiadores da antiguidade (MARINCOLA, 1997, p. 113). Momigliano menciona também a influência talvez indireta de Timeu, pois Fábio Pictor usa métodos e temas semelhantes ao historiador de Taormina, como a datação de acordo com as Olimpíadas e a proeminência na narrativa de elementos antiquários, tal como a longa descrição dos jogos, os *ludi magni*, citada por Dionísio de Halicarnasso no livro VII de suas *Antiguidades Romanas* (Cornell F15, vide apêndice).

É evidente, porém, que não podemos esquecer o quanto que os fragmentos que nos restam são um recorte bastante parcial da obra de Fábio Pictor. Temos longos trechos preservados sobre as origens e fundação de Roma, ou sobre episódios anedóticos, mas isso certamente se deve ao interesse específico do autor que se utilizou

²¹ *Vida de Rômulo*, III, 1.

²² *Antiguidades Romanas*, I, 4.2.

do texto original, como é o caso do prolixo Dionísio de Halicarnasso, e não significa necessariamente que a ênfase de Fábio Pictor em sua obra era em grande parte antiquária. A importância do método grego como referência nessa historiografia é fundamental: este é um período de transição entre o caráter etnográfico que marca tanto Heródoto quanto os helenísticos, dando importância ao conhecimento do bárbaro, e o foco no desenvolvimento de uma cidade específica, onde o outro vai aparecer apenas na medida de sua relação com ela. A influência do método grego também se deu em outros historiadores não gregos do período, como bem lembra Momigliano a respeito de Maneto, no Egito, e Berosso, na Mesopotâmia. No entanto, estes usaram os moldes da historiografia grega para escrever histórias locais que negavam as narrativas gregas sobre suas origens, enquanto que em nenhum momento Fábio Pictor parece ter tomado como inválidos os relatos gregos das origens de Roma, tentando criar uma tradição “pura” das origens locais (DILLERY, 2009, p. 80).

Momigliano ressalta que a originalidade e o pioneirismo de Fábio Pictor se deve ao fato dele ter combinado essa tradição e essa metodologia com as fontes romanas disponíveis, que são, acredita-se, os Anais Pontificiais, as canções de banquetes e as tradições orais das famílias aristocráticas de Roma. Porém, cada uma dessas categorias de documentos contém questões complexas a respeito de sua existência, acesso, publicidade e preservação.

A mais controversa dessas fontes são as canções dos banquetes (DILLERY, 2009, p. 79 n. 12), que seriam formas de transmissão oral dos relatos das origens de Roma análogas às canções homéricas. É certo que, como em todas as sociedades, havia uma tradição oral circulando em Roma, mas não é possível inferir com certeza que essa tradição tinha a forma de canções entoadas em banquetes aristocráticos (WISEMAN, 2007, p. 71). A principal fonte para sua existência é Cícero, citando Catão: “Ah, se apenas ainda existissem aquelas canções, sobre as quais escreveu Catão em suas *Origens*, que muitos séculos antes da sua época cada um dos convivas nos banquetes cantavam para comemorar os homens ilustres!”²³ Niebuhr tomou essa fonte como evidência para o estudo dos primórdios de Roma, inspirando Lord Macaulay a recriá-las em sua coleção de poemas *Lays of Ancient Rome* (1842). Embora Momigliano verifique uma tendência da historiografia italiana a aceitar a existência dessas canções, influenciada pela

²³ *Bruto*, 19, 75. Para uma análise das canções e das fontes que as mencionam, Lowrie, 2009.

retomada das ideias de Niebuhr por seu orientador, Gaetano De Sanctis, ele acredita que, mesmo que tenham existido, elas não foram tão influentes para Fábio Pictor, baseado no fato de que, se procede a leitura do trecho sobre Catão, as canções já haviam se perdido também no tempo do próprio Fábio Pictor, que viveu apenas uma geração antes. No problema está embutida a incerteza sobre a canonização das narrativas sobre as origens de Roma, ou seja, já havia uma tradição consolidada que Fábio Pictor escreveu, ou ele mesmo foi um dos responsáveis por fazê-la tomar forma?

No caso dos Anais Pontificiais, Momigliano lembra da certeza de sua existência e de sua importância para Fábio Pictor. Mas o que exatamente continham e como foram compilados e usados ainda são questões altamente debatidas e inconclusivas. Mais uma vez, as duas fontes principais que os mencionam são Cícero e Catão²⁴, que, no entanto, parecem algo contraditórios entre si quanto à importância dos registros (MOMIGLIANO, 1990, pp. 94-97):

Não me interessa em escrever o que está nas tábuas na casa do pontífice máximo: o quanto o preço dos grãos subiu, quantas vezes a escuridão ou outra coisa bloqueou a luz da lua ou do sol (Catão, *Origens*, in Aulo Gélío, II, 28.6).

A história era nada mais do que uma compilação de anais, em que, para manter a memória pública dos acontecimentos, desde as origens de Roma até o pontificado de Públio Múcio [Cévola], o pontífice máximo ordenava que fossem escritos todos os eventos de cada ano, copiados em uma tábua branca exibida na porta de sua casa [a Régia], para que as pessoas ficassem informadas; e mesmo agora esses registros são chamados de Anais Pontificiais (Cícero, *De oratore*, II, 52).

Os Anais Pontificiais continham exatamente que tipo informações, e em que medida foram úteis para Fábio Pictor e os primeiros historiadores romanos? A se acreditar em Catão, nada digno dos grandes assuntos estava nesses registros, apenas coisas triviais. Momigliano relativiza a posição de Catão: “Catão era uma figura difícil e gostava de ser escandaloso” (MOMIGLIANO, 1990, p. 95), mas é bem verdade que a crítica no fragmento parece algo exagerada – por estar fora de contexto, pode ser uma interpretação deliberadamente parcial. Como esses registros fixados anualmente em uma tábua (a *tabula dealbata*) na Régia eram elaborados pelos principais sacerdotes da República, é evidente que deveriam conter assuntos relacionados a acontecimentos de significado religioso, como os eclipses, e mesmo relacionados com os sacrifícios regulares, relacionados à produção agrícola. Mas, já que desde os primórdios de Roma era costume datar os anos a partir dos nomes dos cônsules eleitos (WISEMAN, 2011, p.

²⁴ Chassignet, 2003, pp. 1-16 e Cornell, 2013, pp. 10-31 têm algumas variações ao interpretar os fragmentos relevantes.

70; cf. VERBBRUGHE, 1989, p. 213 n. 60), em que medida as tábuas eram também “anais”, como diz Cícero? Elas continham ou passaram a conter essas informações dos fastos consulares?

O trecho de Cícero cita o registro dos anais feito até Múcio Cévola, ou seja, na época dos Gracos, mas é de Mommsen (VERBBRUGHE, 1989, p. 201) a interpretação de que foi o próprio pontífice máximo que compilou e publicou os anais em 80 livros, os quais teriam sido a fonte de Fábio Pictor²⁵. Então, esses registros teriam sido feitos desde quando? Conforme Tito Lívio, a invasão de Roma pelos gauleses, em 390 a.C., teria destruído em um incêndio os registros anteriores, de forma que o conteúdo dos anais seria apenas entre essa data e 133 a.C. – mas, além de a arqueologia ter negado um incêndio em Roma, sabe-se que leis e tratados antigos se preservaram, como o primeiro tratado entre Roma e Cartago, mencionado por Políbio (III, 22), e a própria Lei das XII Tábuas. Essas informações contrastantes levaram os especialistas a formular diversas teorias para os Anais Pontificiais, desde um texto pré-literário mais complexo desenvolvido a partir das informações anuais (VERBBRUGHE, 1989, p. 201, n. 23) até falsificações deliberadas para agregar os relatos de origem ao que havia se preservado – como discute Momigliano (1990, pp. 96-97). Além disso, dado que a compilação dos anais teria se dado em 133 a.C., isso significa que Fábio Pictor teria tido acesso a uma versão anterior, talvez ainda não ou menos manipulada. Ou seguimos Catão com a informação de que os anais eram uma simples enumeração de eventos?

A citação de Cícero não é explícita sobre o tema das tábuas, mas está inserida no contexto do desenvolvimento da história como gênero oratório, em que compara a habilidade e o estilo de gregos e romanos. Seu foco está na questão da qualidade na “compilação de anais”, *annalium confectio*, no sentido de narrativas cuja conexão é não uma relação entre fatos e suas causas e conseqüências, mas sim a enumeração de eventos pura e simples, sem grandes ornamentações estilísticas. Quem contradiz explicitamente a imagem de irrelevância passada por Catão é Sêrvio, mas seu foco é a mesma questão de Cícero:

A diferença entre história e anais é a seguinte: a história lida com os períodos que vimos ou que puderam ser vistos (*uel uidimus uel uidere potuimus*), e que vem do grego *historên*, “ver” (*id est, uidere*), mas os anais cobrem aqueles anos que estão além do conhecimento direto de nossa era (lit. “que a nossa era não renova”, *quos aetas mostra non nouit*). Assim, a obra de Tito Lívio se compõe de anais e histórias. Porém, ambos são largamente confundidos (...). Os anais eram

²⁵ Interpretação ainda ortodoxa em especial pelos autores alemães, cf. Mehl, 2011, orig. 2001.

compostos da seguinte forma: a cada ano, o pontífice máximo tinha uma tábua branca na qual, com os nomes dos cônsules e outros magistrados escritos antes, ele costumava anotar as coisas dignas de menção que haviam acontecido em casa e nas campanhas, por terra e mar, dia a dia (*domi militiaque terra marique gesta per singulos dies*) (Sérvio, *Comentário sobre a Eneida*, I, 372-373).

Sendo assim, muitos autores, incluindo o próprio Momigliano²⁶, preferem mudar o foco da pergunta e se questionam se Fábio Pictor teria sido um analista propriamente dito, incorporando assim os Anais Pontificiais como modelo para a historiografia romana subsequente. Os longos fragmentos citados por Dionísio de Halicarnasso (Cornell F4, F7, F15 – ver abaixo), incluindo a história de Rômulo e Remo e detalhes sobre as intrigas de Amúlio semelhantes a uma tragédia grega, parecem indicar que o tratamento dado por Fábio Pictor à narrativa sobre os primórdios de Roma não segue um padrão esquemático. É natural imaginar que esse pedaço de sua obra precisasse de outros recursos além dos Anais Pontificiais, já que não se sabe se conteriam eventos tão distantes do estabelecimento da República – daí o recurso da teoria das canções de banquetes, ou mesmo o uso das tradições orais correntes. Mas, então, entramos em contradição com a definição de Sérvio sobre o que seriam os anais.

O fato é que, como bem nota o próprio Sérvio e também demonstrado no estudo de Verbrugge (1989), embora essas duas nomenclaturas – “histórias” e “anais” – tivessem origens e usos distintos²⁷, a divisão estrita entre tipos de historiadores romanos que escreveram anais e que escreveram histórias é imprecisa para os antigos. Assim, o nome da obra de Fábio Pictor, que não temos, aparece de diferentes formas em Cícero (*graeci annales*), Plínio e Aulo Gélíio (*annales*) e Nônio Marcelo (*res gestae*)²⁸. Frier até mesmo conjectura que o uso do termo “anais” para as obras dos historiadores tenha vindo não dos Anais Pontificiais, mas sim como referências aos Anais de Ênio (FRIER, 1979, p. 217, n. 48), indicando de tal forma que tratariam não da disposição baseada na compilação do pontífice máximo, mas sim do fato de apresentarem a história de Roma a partir de suas origens²⁹. Também não existe a palavra “analista” entre os antigos para descrever um historiador que escrevesse estritamente com uma estrutura de divisão anual dos acontecimentos, ou “analística” para o conjunto desses

²⁶ Mais explicitamente em “Linee per una valutazione di Fabio Pittore”. In: *Terzo Contributo ala Storia degli Studi Classici e del Mondo Antico*, Vol. 1, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, p. 55-68, 1966.

²⁷ Cf. a definição de Semprônio Asélio citada por Aulo Gélíio, V, 18.1-2 e Isidoro de Sevilha, *Origines*, I, 41.1 e I, 44.4.

²⁸ Cornell sugere que o nome da obra teria sido, em grego, *Romaiká*, tal como as outras histórias de cidades gregas que parecem ser seus modelos (2013, p. 173, n. 62).

²⁹ Os únicos historiadores republicanos que não teriam escrito suas obras *ab urbe condita*, desde a origem da cidade, parecem ter sido Célio Antipater, Semprônio Asélio e Cláudio Quadrigário.

historiadores. O conceito é moderno (Chassignet, 2003, pp. VII-VIII), e pretende estabelecer uma divisão dos historiadores republicanos até Sisena (predecessor de Salústio) entre a “analística antiga”, composta por senadores, homens de Estado como Fábio Pictor, Cássio Hêmnia e Calpúrnio Pisão e a “analística recente”, após 133 a.C., em que autores como Cláudio Quadrigário, Valério Âncias e Licínio Mácer, não ligados à elite senatorial, teriam escrito histórias mais inventadas, anacrônicas e menos confiáveis (Chassignet, 2003, p. XX-XXI).

Mas como o conjunto dos fragmentos de todos esses autores não nos permite ter uma ideia precisa da forma como estruturaram seus textos, Tito Lívio se torna a única referência de que dispomos para avaliar o que seria essa “analística”, embora ele mesmo não a use em seu primeiro livro, sobre o período da Monarquia. Como cita Dionísio de Halicarnasso em I, 6, 2, citado acima, Fábio Pictor teria disposto sua obra em uma ênfase maior nas origens e depois em seu próprio período, fazendo com que seu texto tivesse temporalmente um formato de ampulheta: grande no começo e no fim e pequena no meio (KIERDORF, 2002; CORNELL, 2003, p. 170). Se observarmos bem, isso também acontece com Tito Lívio (STADTER, 1972), que é bem detalhado para os primórdios da República e a partir da quarta década começa a acelerar os anos, para chegar em seu período com maior precisão de detalhes, assim como ele anuncia em seu prefácio – 71 de seus 142 livros, ou seja, a metade, tratam do período a partir de 91 a.C. É curioso observar que, analogamente ao caso da preservação de Tito Lívio, a grande maioria dos fragmentos remanescentes dos “analistas” da República trata ou dos eventos antes da fundação de Roma ou do período da Monarquia, até porque fornecem dados de caráter antiquário não mais recuperáveis de outra forma pelos autores que os citaram.

Para recheiar então o que seriam as informações incompletas e sem concatenação dos Anais Pontificiais, Fábio Pictor teria também se utilizado de relatos compilados nas tradições orais das famílias aristocráticas de Roma. Em nenhuma parte de seus fragmentos podemos distinguir referências explícitas a essas fontes, mas o culto aos antepassados é uma característica fundamental da elite romana, que se expressava através da transmissão de histórias sobre feitos de guerra e política, também apresentados publicamente em eulogias funerárias. Considerando-se que Fábio Pictor tinha dentro de sua própria família uma fonte rica em memórias sobre o passado, correr-se-ia o risco dele apresentar relatos parciais, defendendo seus antepassados ou distorcendo fatos de acordo com uma determinada visão. Momigliano não acredita que

isso teria ocorrido (1990, pp. 102-106), enumerando várias análises pontuais. Mas se isso seria prova da imparcialidade do autor, podemos nos questionar se ele também foi imparcial nos seus próprios objetivos gerais. Isso nos leva à última pergunta de Momigliano para pensar em que medida Fábio Pictor teria sido um “historiador nacional”: por que – e, principalmente, para quem – Fábio Pictor resolveu escrever uma história de Roma?

A parte mais significativa da resposta está no fato de ele ter escrito em grego, o que levou muitos a acreditarem que seu público-alvo fosse os próprios gregos, em detrimento dos seus pares romanos. Isso significaria um esforço deliberado de construir uma narrativa que legitimasse o surgimento e o desenvolvimento de Roma perante o mundo grego, mas também uma resposta específica para justificar a expansão romana. Seu relato mais recente tratava da Primeira e Segunda Guerras Púnicas, período que também foi abordado por historiadores gregos da escolta de Aníbal, Sileno de Calacte e Sósilo de Esparta, e mesmo cartagineses como Filino de Agrigento (KIERDORF, 2002, p. 41). Este, juntamente com Fábio Pictor, foi usado por Políbio como fonte para a Primeira Guerra Púnica³⁰ e, assim sendo, deve ter escrito também em grego e sob os moldes da historiografia grega. Políbio critica ambos por sua parcialidade – Filino justificando os atos dos cartagineses e Fábio Pictor dos romanos, e analisa os erros de Filino, anunciando que fará o mesmo adiante para Fábio, mas infelizmente não temos o texto em que ele o faz.

A parcialidade de Fábio Pictor, embora difícil de verificar nos seus fragmentos (Cornell, 2013, p. 168 e pp. 176-178), parte sem dúvida da exaltação dos feitos romanos, típica da historiografia que irá se desenvolver depois em Roma. Assim, de maneira diferente das historiografias escritas pelos gregos, os historiadores romanos não apenas escreviam sobre a história da cidade de Roma, mas sim sobre a *sua* cidade, com o propósito de demonstrar um passado particularmente glorioso que desembocou na grandeza por eles celebrada – sua parcialidade seria um componente intrínseco da sua visão de mundo, e não necessariamente o que chamamos de propaganda:

(...) A explicação mais simples para seu objetivo principal parece ser a melhor: Fábio tinha orgulho de seu povo e desejava exibir sua grandeza perante a

³⁰ *Histórias*, I, 14-15. Para uma análise dos comentários de Políbio sobre Filino, ver WALBANK, Frank W. Polybius, Philinus, and the First Punic War. *The Classical Quarterly*, v. 39, n. 1-2, pp. 1-18, 1945 e HOYOS, B. D. Treaties true and false: The error of Philinus of Agrigentum. *The Classical Quarterly (New Series)*, v. 35, n. 01, pp. 92-109, 1985.

comunidade internacional. (...) Com certeza, o relato de Fábio sobre as guerras era uma história patriótica de um 'conjunto de combates piedoso e justo'. Mas eles eram 'piedosos e justos' porque essa era a visão romana de seu mundo. O conceito não foi fabricado para consumo estrangeiro (FORNARA, 1992, p. 41).

Seu público-alvo poderia então ter sido tanto o mundo grego, usando referências como a datação pelas Olimpíadas (Cornell F5, ver abaixo) e medidas de comprimento em estádios (Cornell F12, ver abaixo), quanto a própria elite romana, em sua época já "helenizada" e fluente em grego. No entanto, são vários os autores que ainda defendem que a motivação de Fábio Pictor teria sido essencialmente propagandística (Cornell, 2013, p. 168 n. 36), sendo o principal expoente dessa interpretação o húngaro Andreas Alföldi, que, como vimos acima, foi depois particularmente criticado por Momigliano (1990, p. 104; 2012). Diz Alföldi:

[Essa] não é a obra de um escrevinhador desajeitado, mas uma doutrina sagaz forjada por um político de larga visão. Este homem foi o primeiro historiador de Roma, escrevendo em grego para os gregos, e tentando fazê-los acreditar que seu povo não era uma horda bárbara, que havia chegado recentemente ao poder pela força rude, mas sim uma comunidade altamente civilizada com um passado glorioso, a senhora da Itália central por séculos. Os analistas seguintes não investigaram eles mesmos o passado, mas tentaram moldar seu conceito de uma forma mais atraente, prolongando a narrativa (...). Eles criticaram pontos específicos da sua obra e adicionaram novas perspectivas ao seu quadro, mas usaram a estrutura que ele criou para o passado romano mais remoto (ALFÖLDI, 1964, p. 124).

Acredito ser temerário pensar que Fábio Pictor teria deliberadamente inventado uma tradição sobre as origens de Roma, mesmo que possa fazer algum sentido a sua preocupação que hoje chamaríamos de propagandística para legitimar Roma perante os gregos. Mas tudo depende do que queremos dizer com "invenção". No caso de Alföldi, ela é literal: Fábio Pictor teria forjado uma narrativa em franca contradição com outros documentos mais antigos que o estudo apresenta, através de uma análise do funcionamento de instituições políticas e religiosas arcaicas tomado a partir de fontes independentes de Fábio Pictor (mas como determinar?) e da epigrafia. No entanto, o significado antigo de *inventio*, no sentido retórico, é uma ferramenta utilizada em toda a historiografia antiga para reconstruir o passado através da probabilidade e da verossimilhança (CORNELL, 1986, pp. 72-73; MARINCOLA, 1997, p. 161). Alföldi teria sido inadvertidamente pós-moderno em sua proposição de descolamento do texto de Fábio Pictor – daí muito da ira de Momigliano –, mas só assim entendendo uma possibilidade de "invenção". A falsificação pura e simples teria sido detectada pela elite romana, que conhecia e perpetuava tradições orais de suas famílias. Assim, ela poria em risco a reputação de Fábio Pictor perante não só a tradição historiográfica de origem

grega na qual ele pretendia se inserir, mas também junto à aristocracia romana e à sua própria família.

Analisando as fontes e influências de Fábio Pictor, acredito que elas convergem para uma evidente integração cultural entre Roma, o mundo grego e o resto do Mediterrâneo já no século III a.C.. O que chamamos de “período helenístico” não deve ser lembrado apenas na construção de laços culturais e políticos entre os gregos e a Ásia e o Egito, como herança da conquista de Alexandre, mas também em todo o Mediterrâneo ocidental, no qual Roma se inclui – isso se já não considerarmos o quanto esses contatos pré-datam essa época. Mais do que uma “história nacional”, termo que só faz real sentido muito tempo depois, a iniciativa pioneira de Fábio Pictor dialoga com seu próprio tempo. Isso nos parece óbvio de se dizer, mas não é o foco de Momigliano justamente porque as identidades nacionais na metade do século XX fazem mais sentido do que hoje. No início do século XXI elas estão sendo reinventadas (a consolidação da União Europeia), dissolvidas (o Oriente Médio pós-Primavera Árabe), e integradas (a analogia com a internet é evidente) em uma escala inconcebível em 1962. Em última instância, o contexto de integração cultural entre mundos do qual Fábio Pictor é um produto análogo ao nosso. Tal ideia fica muito clara para pesquisadores da periferia dos tradicionais centros do saber, *mutatis mutandis*, que precisam adotar determinados estilos definidores da historiografia contemporânea e escrever na língua franca da academia, atualmente o inglês, para ser lidos e legitimados no mundo cultural no qual pretendem se inserir.

APÊNDICE

Lista dos testemunhos e fragmentos de Fábio Pictor

A lista abaixo é um guia para encontrar as passagens dos autores antigos que citam Fábio Pictor, tanto no caso dos testemunhos sobre o autor quanto para as possíveis cópias ou paráfrases de seu texto. A lista é baseada na compilação de Cornell (2013), que também contém as equivalências com Peter (1914), Jacoby (1923-58) e Chassignet (2003). Consideramos que apresentar essa lista seria de grande utilidade para os eventuais interessados, já que as edições críticas desses textos são de difícil acesso no Brasil.

Testemunhos

- Vida e carreira

T1 = F21 (Jacoby T2): Eutrópio, III, 5 / Orósio, IV, 13.6

T2 = F23 (Jacoby T4d): Tito Lívio, XXII, 7.4

T3 (Jacoby T3): Tito Lívio, XXII, 57.4-5 / Plutarco, *Vida de Fábio Máximo*, 18.3 / Apiano, *História Romana*, livro VII (Guerra de Aníbal), 27.116

T4 (Jacoby T3d): Tito Lívio, XXIII, 11.1-6

- Obra

T5 (Jacoby T6a): Políbio, I, 14.1-3, 15.12

T6 cf. F22 (Jacoby T6b): Políbio, III, 8.9-9.5

T7 (Chassignet F1): *Supplementum Epigraphicum Graecum* 26.1123 fr. II, col. A [Inscrição de Taormina]

T8 (Jacoby T8b): Cícero, *De oratore*, II, 51-53

T9 (Jacoby T8a): Cícero, *De legibus*, I, 6

T10 = F1 (Jacoby T5a): Cícero, *De divinatione*, I, 43

T11 (Jacoby T4c): Tito Lívio, I, 44.2 (F10) / Tito Lívio, I, 55.8 (F12) / Tito Lívio, II, 40.10 (F16) / Dionísio de Halicarnasso, VII, 71.1 (Jacoby T4b, = F15)

T12 (Jacoby T4a): Dionísio de Halicarnasso, I, 6.2

T13 = F8: Dionísio de Halicarnasso, IV, 6. 1

T14 = F11 (Jacoby T7): Dionísio de Halicarnasso, IV, 30.2-3

T15 (Jacoby T9): Plínio o Velho, *História Natural*, I, 1

T16 = F4: Plutarco, *Vida de Rômulo*, 3.1, 8.9

T17 = F31: Aulo Gélio, V, 4.1-3

T18: Fronto, 134

T19 (Jacoby T1b): Jerônimo, *Cartas*, 60, 12.3

T20 (Jacoby T11): Pseudo Aurélio Vítor, *Origo Gentis Romanae* [Fábio Pictor listado no *titulus*]

Fragmentos

F1 (Peter F3, Jacoby F1, Chassignet F3) = T10: Cícero, *De divinatione*, I, 43

F2 (Peter F1, Jacoby F29, Chassignet F6): Sérvio, *Comentário sobre a Eneida*, 12.603

F3 (Peter F4, Jacoby F2, Chassignet F5a): Diodoro Sículo, VII, 5.3-6 / Eusébio, *Crônica*, 137

F4 = T16: (Peter F5, Jacoby F4, Chassignet F7): Dionísio de Halicarnasso, I, 75.4-84.1 / Plutarco, *Vida de Rômulo*, 3-4, 6-8 (cf. Zonaras, 7.1-2) / Pseudo Aurélio Vítor, *Origo Gentis Romanae*, 20 (Jacoby F30b) / Quintiliano, *Instituições Oratórias*, I, 6.12 / Nônio Marcelo, *De compendiosa doctrina*, 518M = 835L

F5 (Peter F6, Jacoby F3, Chassignet F8): Dionísio de Halicarnasso, I, 74.1 / Solino, *Collectanea rerum memorabilium*, I, 27

F6 (Peter F7, Jacoby F5a, Chassignet F9): Plutarco, *Vida de Rômulo*, 14.1

F7 (Peter F8, Jacoby F6, Chassignet F10): Dionísio de Halicarnasso, II, 38.2-40.2

F8 = T13 (Peter F11a, Jacoby F7a, Chassignet F12a): Dionísio de Halicarnasso, IV, 6.1

- F9 (Peter F9, Jacoby F8, Chassignet F13): Dionísio de Halicarnasso, IV, 15.1-2
F10 = T11 (Peter F10, Jacoby F9, Chassignet F14): Tito Lívio, I, 44.2
F11 = T14 (Peter F11b, Jacoby F7b, Chassignet F12b): Dionísio de Halicarnasso, IV, 30.2-3
F12 = T11 (Peter F13, Jacoby F10, Chassignet F15): Tito Lívio, I, 55. 7-8
F13 (Peter F14, Jacoby F12, Chassignet F17): Dionísio de Halicarnasso, IV, 64.2-3
F14 (Peter F15, Jacoby F13a, Chassignet F19): Cícero, *De divinatione*, I, 55
F15 = T11 (Peter F16, Jacoby F13b, Chassignet F20): Dionísio de Halicarnasso, VII, 71.1-73.5
F16 = T11 (Peter F17, Jacoby F14, Chassignet F21): Tito Lívio, II, 40.10-11
F17 (Peter F18, Jacoby F15, Chassignet F24): Tito Lívio, VIII, 30.7-10
F18 (Peter F19, Jacoby F16, Chassignet F25): Tito Lívio, X, 37.13-16
F19 (Peter F22, Jacoby F18, Chassignet F28): Políbio, I, 58.2-6
F20 cf. T15 (Peter F24, Jacoby F20, Chassignet F29): Plínio o Velho, *História Natural*, X, 71
F21 = T1 (Peter F23, Jacoby F19, Chassignet F30): Eutrópio 3.5 / Orósio IV, 13.6-7 / Tito Lívio, *Periochae*, 20
F22 cf. T6 (Peter F25, Jacoby F21, Chassignet F31): Políbio, III, 8.1-8
F23 = T2 (Peter F26, Jacoby F22, Chassignet F32): Tito Lívio XXII, 7.1-4

- Fragmentos de contexto incerto

- F24 (Peter F20, Jacoby F27, Chassignet F26): Estrabão, V, 228
F25 (Peter F27, Jacoby F26, Chassignet F11): Plínio o Velho, *História Natural*, XIV, 89
F26 (Peter F28, Jacoby F25, Chassignet F18): *Suda Φαβιοφ Πικτωρ Φ2*

- Fragmentos possíveis ("Fábio" genérico)

- F27 (Peter F1, Jacoby F23, Chassignet F2): Mário Vitorino, *GL* 6.23
F28 (Peter F3a, Jacoby F28, Chassignet F4): Sérvio, *Comentário sobre a Eneida*, 5.73
F29 (Peter F4, Jacoby F30a, Chassignet F7d): Sérvio, *Comentário sobre a Eneida*, 8.630-631
F30 (Peter F12, Jacoby F11, Chassignet F16): Arnóbio, *Adversus Nationes*, 6.7
F31 = T17 (Peter F6, Jacoby F33, Chassignet F23): Aulo Gélio, V, 4.1-3
F32 (Peter F2, Jacoby F24, Chassignet F22): Isidoro de Sevilha, *Etymologiae*, IV, 7.34

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS³¹

ALFÖLDI, Andreas. *Early Rome and the Latins*. University of Michigan Press: Ann Arbor, 1964.

³¹ Para uma lista completa e detalhada dos estudos sobre Fábio Pictor, muitos em alemão e italiano, ver BISPHAM, E. H.; CORNELL, T. J. Q. Fabius Pictor. In: CORNELL, T. J. (gen. ed.) *The fragments of the Roman historians*. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2013, pp. 160-161.

- BECK, Hans. The early Roman tradition. In: MARINCOLA, John (Ed.). *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: John Wiley & Sons, p. 259-265, 2007.
- BRANTNER, Scott. Between Ἀρχαιολογία and Altertumswissenschaft: Momigliano, Alföldi, and Fabius Pictor on the Foundation Date of Ancient Rome. Disponível em https://www.academia.edu/7298922/Between_%E1%BC%88%CF%81%CF%87%CE%B1%CE%B9%CE%BF%CE%BB%CE%BF%CE%B3%CE%AF%CE%B1_and_Altertums_wissenschaft_Momigliano_Alf%C3%B6ldi_and_Fabius_Pictor_on_the_Foundation_Date_of_Ancient_Rome. Data de acesso: 09/03/2015.
- BREISACH, Ernst. *Historiography. Ancient, Medieval and Modern*. 2nd. ed. Chicago/London: University of Chicago Press, 1994.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a história do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 2011.
- CHASSIGNET, Martine (Ed.). *L'annalistique romaine: Les annales des pontifes; L'annalistique ancienne (fragments)*. Paris: Belles Lettres, 2003.
- CHRIST, Karl. Arnaldo Momigliano and the history of historiography. *History and Theory. The presence of the Historian: Essays in Memory of Arnaldo Momigliano*, vol. 30, p. 5-12, 1991.
- CORNELL, Tim J. The formation of the historical tradition of early Rome. In: Moxon, I.-Smart, J. D.; Woodman, A. J. (eds.). *Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing* Cambridge: Cambridge University Press, pp. 67-86, 1986.
- _____. (gen. ed.) *The fragments of the Roman historians*. 3 vols. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DILLERY, John. Roman historians and the Greeks: Audiences and models. In: FELDHERR, Andrew (ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 77-107, 2009.
- FEENEY, Dennis. Time and the Romans. *Historically Speaking*, 10, no. 1, p. 7-9, 2009.
- FORNARA, Charles W. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley/LA: University of California Press, 1988.
- FRIER, Bruce W. *Libri annales pontificum maximorum: the origins of the annalistic tradition*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1979.
- IANZITI, Gary. Bruni on writing history. *Renaissance Quarterly*, vol. 51, no. 2, p. 367-391, 1998.
- JACOBY, Felix. *Die Fragmente der griechischen Historiker*. Berlin, Leiden, 1923-58.

JENKINS, Fred W. Fabius Pictor in Cicero's *De divinatione*. *Mnemosyne*, 66, 1, pp. 129-132, 2013.

KIERDORF, Wilhelm. Anfänge und Grundlagen der römischen Geschichtsschreibung. *Klio-Beiträge zur Alten Geschichte*, v. 84, n. 2, pp. 400-413, 2002.

LOWRIE, Michèle. Literature and the loss of origins: the *carmina convivalia*. In: *Writing, performance, and authority in Augustan Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MARINCOLA, John. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. Genre, convention, and innovation in Greco-Roman historiography. In: KRAUS, Christina Shuttleworth (ed.). *The limits of historiography: genre and narrative in ancient historical texts*. Leiden/Boston/Köln: Brill, p. 281-324, 1999.

_____. Ancient audiences and expectations. In: FELDHERR, Andrew (ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 11-23, 2009.

MARQUES, J. B. A *historia magistra vitae* e o pós-modernismo. *História da Historiografia*, v. 12, p. 63-78, 2013.

MEHL, Andreas. *Roman Historiography*. Oxford: John Wiley & Sons, 2011.

MELLOR, Ronald. *The Roman Historians*. London: Routledge, 2002.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Fabius Pictor and the Origins of National History. In: *The classical foundations of modern historiography*. Berkeley/LA: University of California Press, pp. 80-108, 1990.

_____. Did Fabius Pictor Lie? In: *Essays in ancient and modern historiography*. Chicago: University of Chicago Press, p. 99-106, 2012 (originalmente publicado em 1965).

MURRAY, Oswyn. Arnaldo Momigliano in England. *History and Theory. The presence of the Historian: Essays in Memory of Arnaldo Momigliano*, vol. 30, p. 49-64, 1991.

PETER, Hermann. *Historicorum Romanorum Reliquiae*, 2nd. ed., Leipzig, 1914.

RICHARD, Jean-Claude. Historiographie et histoire: l'expédition des "Fabii" à la Crémère. *Latomus*, T. 47, fasc. 3, p. 526-553, 1988.

STADTER, Philip A. The structure of Livy's history. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, vol. 21, p. 287-307, 1972, reeditado em CHAPLIN, Jane; KRAUS, C. *Oxford Readings in Classical Studies: Livy*. Oxford: Oxford University Press, p. 91-117, 2009.

TIMPE, Dieter. Fabius Pictor und die Anfänge der römischen Historiographie. In: *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. 1.2, Berlin: W. de Gruyter, pp. 928-969, 1972.

VERBRUGGHE, Gerald P. On the meaning of *annales*. On the meaning of annalist. *Philologus-Zeitschrift für antike Literatur und ihre Rezeption*, v. 133, n. 1-2, p. 192-230, 1989.

WALTER, Uwe. *Annales* and Analysis. In: FELDHERR, Andrew; HARDY, Grant (eds.). *The Oxford History of Historical Writing: Volume 1: Beginnings to AD 600*. Oxford: Oxford University Press, pp. 265-290, 2011.

WISEMAN, T. P. The Prehistory of Roman Historiography. In: MARINCOLA, John (Ed.). *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: John Wiley & Sons, v. 1, p. 67-75, 2007.